

Vol. III

CONTOS E POEMAS SOBRE A FLORESTA E O REINO ANIMAL



REVISTA
**CONEXÃO
LITERATURA**



organizador
Ademir Pascale

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-95033-5

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- A TRANSUMÂNCIA DA CARAMBOLEIRA, POR MAMI, PÁG. 05
E A CARAMBOLEIRA EXPLODIU!!!, POR MAMI, PÁG. 07
EU QUERO IR PARA O MATO, POR MARINA BARCELLOS, PÁG. 09
PEQUENO TESOURO DA NATUREZA, POR MEIRE MARION, PÁG. 15
A REVOLUÇÃO NÃO É FÁBULA, POR MIGUEL PRZEWODOWSKI, PÁG. 17
O TEMPO DO TEMPO, POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA, PÁG. 21
PASSARINHANDO, POR PAULO CÉSAR ROMEIRO SILVA, PÁG. 23
UM DESEJO PROIBIDO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 25
MICHAEL, POR SELMA LUANNY, PÁG. 30
SOFRIMENTO DOS INOCENTES (NEM SEMPRE TÊM ESPINHOS), POR SELMA LUANNY,
PÁG. 32
A DANAÇÃO DISFARÇADA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 34
SUPREMA MÃE, POR SELMA LUANNY, PÁG. 36
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 38

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

Vol. III

CONTOS E POEMAS SOBRE A FLORESTA E O REINO ANIMAL



REVISTA
CONEXÃO
LITERATURA



organizador
Ademir Pascale



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

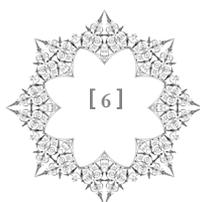
A transumância da caramboleira

Por Mami

Engenheira, interessada em literatura, com formação em inglês e francês, com diploma pela aliança francesa na universidade de Nancy II, especialização pela UFF em literatura francófona, escreve de maneira informal desde os 19 anos sem publicação anterior pelos canais formais de editoração. Efetuou uma tentativa de crônicas na página do facebook, obtendo boa critica dos amigos, inclusive pessoas formadas em letras.

Bom, a caramboleira estava fincada em um grande quintal a beira de um grande rio com correntezas fortes e águas amarelas, barrentas em uma cidade do interior. Bem fincada e de porte altivo, se rejubilava em alimentar os passarinhos e muito a contragosto também as mosquinhas matutinas que depositavam em seus frutos os ovos que viriam a se transformar em pequenos vermes vorazes. Oh, que lástima! Será? Mas, Dona Glória sabia como resolver. Então, tão logo obtinha notícias de nova frutificação, solicitava a sua filha, pois este quintal farto ficava no imóvel onde sua filha morava, que sempre que despontassem os frutos, que os mesmos fossem colhidos e encaminhados à ela. Assim era feito. Tão logo os frutos despontavam sua filha, uma mulher linda e habilidosa, excelente doceira como a mãe, providenciava-lhe uma remessa. O destino? Bom, o destino eram os tachos em cobre, gigantes, instalados em uma cozinha de fogões de pó-de serra, com vistas para toda a cidade, cozinha esta aboletada nos fundos de um sobrado de um casarão antigo, verdadeira fábrica de doçuras, onde iriam transformar estes frutos suculentos em doces em calda, doces de carambola para o regozijo de uma clientela fidedigna e apreciadora das delícias da vida, até mesmo o “loro” falante que presenciava toda a faina diária, recebia seu pitaco de carambola.

Estas lembranças fizeram germinar a ideia de que, a vista de uma carambola exposta em um supermercado, transportá-la para um outro jardim, de forma a renovar o ciclo de encantamento, mas desta vez, encantamento aos pássaros de um Rio de Janeiro, mas não tão somente as espécies de pássaros existentes lá do jardim à beira do rio, mas também aos micos e aos macacos pregos, aos tucanos. No entanto, algo se perdeu com esta transumância, os tachos em cobre sobre o fogão de pó de serra, e a confecção do doce em calda de carambola, mas, a memória se perpetua ao observar a eclosão da caramboleira em frutos na cidade do Rio de Janeiro, para o regozijo da bicharada e do contador desta pequena história.





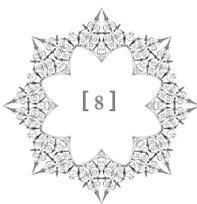
A P R E S E N T A M O S O C O N T O

E a caramboleira explodiu!!!

Por Mami

Engenheira, interessada em literatura, com formação em inglês e francês, com diploma pela aliança francesa na universidade de Nancy II, especialização pela UFF em literatura francófona, escreve de maneira informal desde os 19 anos sem publicação anterior pelos canais formais de editoração. Efetuou uma tentativa de crônicas na página do facebook, obtendo boa critica dos amigos, inclusive pessoas formadas em letras.

Sim, explodiu... primeiro em flores lindas roxinhas, delicadas, minúsculas, hermosas... depois devagarzinho, timidamente em pequenos frutos verdinhos, com seus sulcos apenas ensaiando o formato da fruta... gradativamente os galhos ficaram pesados e curvos... e de repente em um passo de mágica a explosão... pencas de frutas... mas apesar do vento soprar e nos chamar a atenção para o fato, visto o chão ficar coberto de pequenas frutas como um tapete verde, a algazarra, a barulheira, o revoar é que fez com que pensássemos sobre a magia da natureza. As maritacas tagarelas chegaram e com elas a destreza de colher a fruta do galho com o bico e com suas pequenas garras apoiadas em um pé só, segurarem o fruto prazeroso e mordiscarem os gomos com seus bicos coloridos. A fartura é tanta que elas se permitem escolher criteriosamente os frutos. E o helicóptero passa em sua revoada, levando turistas ao Cristo redentor, e o barulho do túnel ecoa no ar, e o verão se apresenta com toda sua energia... agora estamos à espera de outros visitantes... que venham os macacos pregos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Eu quero ir para o mato

Por Marina Barcellos

Marina Barcellos nasceu em São Paulo capital e está escrevendo histórias desde a infância. Seu caminho passou por vários lugares: uma formação desinteressante em publicidade, um trabalho muito respeitável em um banco, Portugal e uma crise existencial de mais ou menos um ano. E agora ela está fazendo algo novo: redescobrimo suas paixões. Escrita, pintura, moda, tradução, o céu é o limite! Quem sabe quais histórias vão surgir dessa nova fase? Ela estará aqui tentando comover, divertir e assustar quem quiser ouvir!

“Eu quero ir para o mato!” ela disse isso tantas vezes que havia se tornado quase um feitiço, uma prece. Mas costumava ser uma daquelas coisas que dizemos sem querer concretizá-las de fato, uma fantasia reconfortante. Ela mesma não esperava realmente levar a ideia a cabo. Mas cá estava. Um passo mal pensado além da fantasia e agora a realidade precisava de alguma forma competir com ela.

A casa foi até fácil de encontrar, pelo visto não faltavam agricultores vendendo suas casas para jovens como ela. Ou seja, mal-informados e impulsivos. Pagar por ela foi um pouco mais complicado. A experiência de se arrastar para seus pais, sem um real no bolso, com o objetivo de implorar por dinheiro para uma casa bem, bem distante deles, havia sido tão agradável quanto parece.

— Mas por que você quer fazer isso, Mel? — Sua mãe perguntara, preocupada e com uma pontada de mágoa.

Uma ótima pergunta. Por que ela estava fazendo aquilo? Por um ideal bucólico ingênuo? Para fugir de seu término recente, que não tivera um motivo de verdade? Para encontrar uma comunidade mais unida? Para buscar uma existência simbiótica com a natureza que, de alguma forma, trouxesse significado para a sua vida? Trabalhar vários anos em uma grande empresa certamente não havia feito isso por ela. Se ela fosse sincera, provavelmente era um pouco de tudo isso. Sim, até mesmo o desejo infantil por usar belos vestidos e saltitar em campinas verdejantes.

E agora ela estava aqui. Com todos os tutoriais e kits que ela precisaria para, em teoria, crescer uma safra de belos cogumelos. E não, não esse tipo de cogumelos. Como uma vegetariana de vários anos, ela sempre quisera tentar criar os próprios cogumelos. Talvez fosse um pouco insano tentar realizar tal proeza pela primeira vez agora, mas que seja, certo? Toda essa ideia já era um pouco insana.

Os primeiros dias foram consumidos pela correria natural de uma mudança, combinada com a experiência ligeiramente desesperadora de montar o espaço dos seus preciosos cogumelos, mas então... As tarefas urgentes acabaram. Ela se viu à deriva em meio a um oceano imenso de tempo. Os livros acabaram depressa, o ato de beber chás naturais próximo à janela não era nem de longe tão interessante quanto parecia.

Desprovida de distrações imediatas, algo estranho aconteceu: ela começou a reparar em coisas simples. Melissa passava vários minutos observando a poeira descendo por um raio de sol, sentava em sua varanda apenas sentindo o cheiro da grama, passava a mão por

seus móveis, memorizando a textura da madeira encerada. Havia um prazer primitivo naquilo, uma verdade profunda que ela não conseguia articular. Que, na verdade, perderia todo o sentido ao ser intelectualizada.

Ela também começou a caminhar. Nessas humildes aventuras, ela desistiu rapidamente da ideia dos belos vestidos (eles davam muito trabalho para lavar e deixavam suas canelas vulneráveis a mosquitos), mas descobriu inúmeras novas simplicidades para apreciar. O cheiro de agulhas de pinheiro e araucária acumuladas no chão, o calor úmido do verão sob as árvores, o pinicar de capim cutucando seus joelhos.

Mas ainda existiam responsabilidades. Afinal, suas economias não durariam para sempre. Ela cometeu muitos erros em sua primeira colheita, o que lhe rendeu uma bela bronca do lojista com quem havia fechado um acordo. Felizmente, com alguma humildade e um pouco de charme ela conseguiu salvar o contrato. E, após uma semana intensiva de pesquisa, acreditava ter entendido seu erro.

Novamente, o mar de tempo livre a engoliu. Observar miudezas continuava a preencher o tempo e a solidão ainda não alcançara sua bela fantasia. Ainda. Mas ela conseguia senti-la. Sempre às margens, assombrando os momentos mais silenciosos. Mas por enquanto tudo estava bem. Acordar, trabalhar, andar, dormir. Simples. Era assim que viver deveria ser? Talvez. Por que seria tão fácil se não fosse certo?

Não sem seus pequenos problemas, as semanas foram passando. As próximas colheitas vieram e foram, uma sempre um pouco melhor do que a anterior. Sua confiança no trabalho cresceu, relacionamentos com compradores se estreitaram, mas ela ainda estava sozinha. Se era comunidade que ela viera buscar, não era isso que havia encontrado. Ela passava nos mercados próximos antes do amanhecer e, se quisesse cuidar de sua plantação, precisava voltar para casa logo em seguida. Mas isso era bom, certo? Mais tempo para caminhar, cuidar da saúde e apreciar a beleza natural. Certo?

Bom, algo vinha incomodando Melissa. Começou tão discretamente que podia ser desconsiderado sem problemas. As chaves estavam um pouco mais longe da porta do que de costume, um copo de água na mesa alguns centímetros para frente de onde ela se lembrava, uma janela um pouco mais aberta do que estava há alguns minutos atrás.

Mas... seria só isso? Pensando bem havia mais alguma coisa. Algo na periferia de sua visão, um movimento rasteiro e repentino, rápido e impermanente. Por quanto tempo ela tinha tentado ignorá-lo? Ela desejou que seu namorado estivesse lá. Por que não estava

mesmo? Eles haviam conversado muito sobre tédio, repetição. Ironicamente, seus dias agora eram quase só tédio e repetição.

De repente a janela aberta para a escuridão noturna não parecia mais segura. A falta de certeza, de algo concreto para aterrorizá-la, era quase pior. Mesmo assim, a princípio Melissa se negou a acreditar que algo estava errado.

“Talvez sejam alucinações.” Ela concluiu. Afinal já tinha ouvido falar que a falta de estímulo pode causar pequenas alucinações. Ótimo. Se era estímulo o que ela precisava, ela podia conseguir. Pequenas festas rurais nas cidades próximas, novos livros, filmes para assistir em seu laptop e celular. Isso resolveria o problema, certo?

Não. Os vultos à beira da sua percepção foram se tornando mais ousados. A janela se abria de supetão ao invés de lentamente, um copo se estilhaçava no chão, o movimento das sombras era mais perceptível e deliberado. O que estava ali e por que queria tanto ser notado? Será que queria Melissa fora dali? Quando esse pensamento lhe ocorreu, a caneca em suas mãos simplesmente explodiu.

Mas por que? Justo quando tudo estava indo tão bem, quando já havia se estabelecido? Ela não podia desistir de mais uma empreitada, simplesmente não podia. Seria falhar em mais uma carreira. Nessa determinação, a vida continuou. Era preciso estar sempre alerta para fingir indiferença, algo que com certeza transparecia em seu comportamento. Mesmo seus conhecidos distantes do comércio local começaram a reparar. Olhos condescendentes e bondosos a seguiam ao sair, convites para vir jantar com a família começaram a chegar, sem a intimidade para serem naturais. Ela ignorava essas esmolas de afeto com a mesma determinação que ignorava seus fantasmas.

A situação seguiu dessa forma, a teimosia natural contra a sobrenatural. Até a noite em que ela acordou de madrugada. Brilhando à sua frente, no escuro do quarto, lá estavam dois grandes olhos castanhos. Melissa acendeu as luzes por reflexo. Uma menina. Certamente não uma menina humana, mas não completamente divorciada do conceito. Ela tinha a forma de uma mulher, só não o conteúdo. Seus olhos brilhavam um pouco demais, sua pele era quase translúcida. E a maneira como ela se mexia... Era como assistir água fluir entre dois copos sem mudar de forma.

Além disso.... Ela se parecia um pouco com Melissa. A parte humana, seus cabelos castanhos, algo no desenho de seu queixo felino e na curva do nariz. Percebendo isso, o medo em seu coração se aquietou um pouco.

— Quem é você? — Ela se aprumou na cama e começou a engatinhar para frente.

A figura misteriosa não esboçou reação, apenas continuou a reluzir no lugar. Chegando ao pé da cama a menina se sentou, em transe. As duas estavam próximas agora, ela conseguia sentir algo úmido e frio emanando do espectro a sua frente.

— Quem é você?

Com um movimento sinuoso a criatura se abaixou ao nível de Melissa. Ela segurou a respiração. Então a figura encostou sua testa na dela.

Algum encanto se quebrou naquele momento. A bolha mágica que vinha mantendo o mundo real longe de sua pequena existência se desfez. Pensamentos que sequer tinham lhe ocorrido antes inundaram sua mente como visões proféticas: sua mãe, chorando de saudades e sem compreender por que ela precisava tanto fugir. Seu ex namorado preocupado, tentando entrar em contato com amigos em comum para saber se ela estava bem. Amigos que não saberiam responder. Os mesmos amigos, aos poucos deixando de sentir o vácuo da sua presença em festas e ocasiões especiais.

Piscando pesadamente, Melissa olhou novamente para o espectro a sua frente. Ela parecia mais humana agora. Seus olhos profundos se fincavam nos dela, buscando compreensão. Entende o que precisa fazer? Havia uma tristeza neles também, como se estivessem esperando muito tempo para serem ouvidos.

— Eu preciso voltar... não é?

Um sorriso se espalhou pelo rosto do espírito. Sim, era isso mesmo.

— Mas não é justo!

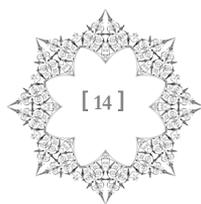
Ela começou a chorar. Sabia que estava sendo infantil. Não, não era justo. Mas o mundo precisava dela de volta. Não era possível simplesmente deixar de existir, não sem deixar rastros e corações partidos. A figura se sentou ao seu lado e passou a mão pelo seu cabelo. Era uma sensação estranha, como um gel gelado se espalhando e rescindindo logo em seguida. Ela também sabia que não era justo.

As duas adormeceram juntas, em um abraço gélido, mas afetuoso.

Na manhã seguinte a outra menina havia desaparecido. Melissa nunca mais a viu, as coisas ao redor da casa também pararam de se espatifar sem aviso, mas o sentimento já não era mais o mesmo. Havia um ar de finalidade em suas atividades cotidianas. Dito e feito, em menos de dois meses lá estava ela: empilhando seus móveis em um caminhão mais uma vez.

Ela moraria com os pais por um tempo, até conseguir um trabalho estável novamente. Talvez ligasse para o ex. Porém dessa vez ela faria questão de aproveitar os pequenos

momentos, deixar que eles a preenchessem por inteiro, valiosos apenas por existirem. Mesmo que fossem repetitivos e mundanos. Ela se lembraria também da menina com olhos brilhantes e cabelo castanho, de que ela merecia existir também.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pequeno tesouro da natureza

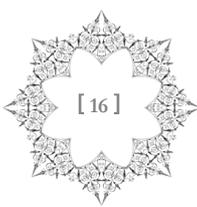
Por Meire Marion

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infantojuvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2020) *Dois Gatinhos* (2021) e *THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT* (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

O esquilo brinca, saltitante e silencioso,
Com sua calda fofa e olhar curioso.
Pela Floresta busca comida deliciosa,
Especialmente a noz, com sua casca preciosa.

Pula de galho em galho com destreza e encanto,
Quando em perigo, se esconde em qualquer canto.
Mas é no meio do tronco da árvore mais alta,
Que constrói sua moradia onde o vento sopra como uma flauta.

Esquilo, pequeno tesouro da natureza,
Símbolo de agilidade e delicadeza.
Um pequeno ser, cheio de energia,
O esquilo encanta com sua alegria.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A revolução não é fábula

Por Miguel Przewodowski

Miguel Przewodowski é formado em Comunicação Social na PUC-RJ, pós-graduado em Direção Teatral na CAL-RJ, diretor e autor de televisão, cinema e teatro. Estreou no vídeo experimental em 1986 e realizou filmes de curtas, médias e longas metragens, ficções, séries educacionais e jornalísticas com participações em festivais e premiações nacionais e internacionais.

A rainha chega ao túnel principal do formigueiro carregada por seis machos. Milhares de formigas interrompem o trabalho para ouvi-la.

— Somos uma espécie privilegiada que ocupa quase todo o planeta com um número imbatível de indivíduos. Somos mais resistentes que nossas primas vespas e abelhas. Sabemos que podemos viver em temperaturas muito mais altas que outros seres do planeta e, assim como as baratas, vamos atravessar muitas outras eras além das que já atravessamos. Mas não basta! Precisamos de mais. Nós sabemos das diferenças que existem entre nós no nosso formigueiro, mas algo nos une minhas queridas formigas. Não podemos abrir mão da boa vida que temos levado contando ainda com este resto de floresta que temos aqui na área que construímos a nossa casa. É dela que tiramos o nosso alimento e nela que trabalhamos para um dia sermos um formigueiro mais justo com funções compartilhadas. Gostamos ou não gostamos de trabalhar?

O formigueiro antenado reverbera em concordância.

— Quem aqui gostaria de ser uma formiga no deserto? Mas há uma outra espécie que concorre conosco que ao invés de nos ser grata por arejarmos seu solo e fazermos um trabalho fundamental na cadeia ecológica está gerando o desequilíbrio e devorando tudo que vê pela frente e vai, em breve, nos deixar sem alimento, vivendo o inferno na terra.

Tumulto total no formigueiro.

— Vamos sobreviver, sim! Mas sabemos que não basta apenas sobreviver numa vida miserável, perdendo o que temos agora. Temos que interromper este processo e para isso precisamos de união. Achei que era importante trazer para perto de nós uma companheira da mesma fábula que viveu conosco este processo de mudança e adaptação. Venha cigarra e dê sua opinião.

— Galera, é uma honra estar aqui em harmonia ecológica. Ao menos nós seguimos em cooperação e diálogo aberto apesar das nossas diferenças. Eu gostaria de deixar apenas um toque que a minha experiência de vida me deu: só trabalhar, estocar alimento, levar a vida sempre com este peso que vocês carregam e com tanta consequência pensando só no que está lá na frente não vai levar a mudar nada porque antes disso podemos viver uma vida que não queremos. O que a gente anda precisando é de mais arte e empatia, mais arte e alegria. Estes caras estão loucos, destruindo tudo, sem motivos ou mesmo uma proposta além. Não vai adiantar só o trabalho de formiguinha. É preciso mais para vencê-los. É preciso ter espírito, imaginação e inteligência.

Uma formiga grita da plateia.

— A cigarra está maluca! O que ela anda comendo?

Explode o riso geral.

— Quando a gente resolveu sair juntos daquele continente que já cheirava a mofo e vir para um jovem país tropical foi porque queríamos uma chance para reinventar aquela realidade severa e moralista. E o que encontramos aqui? Quem poderia imaginar que estávamos vindo para um lugar com uma moral tão suspeitamente flexível? A realidade anda tirando nossos leitores com histórias de moral duvidosa. Já soube que nossa fábula tem sido acusada até de ter ideias comunistas. E hoje com todo mundo enfurnado em todo tipo de telas mal sobra tempo para leitura de fabulas e o olhar contemplativo da natureza. Como vivíamos dentro da fábula desde a Grécia antiga, só dela sabíamos e não tínhamos ferramentas para imaginar este futuro nefasto. Mas este lugar que não tem neve e é verão o ano todo era nossa promessa do futuro mais livre. E agora? Nós tínhamos decidido que aqui íamos relaxar e sair do stress, daquele problema da primeira autoria que éramos todos escravos e fazer a nossa própria fábula levando da nossa origem o maior dos ensinamentos, *Panta Rei*. Viemos para reinventar a história, mas para melhor, claro. Eu avisei a vocês o que estava para acontecer nas letras das minhas músicas que vivo cantando por aí. Vocês não prestaram atenção. Nós as cigarras por sermos mais frágeis e românticas captamos pelas nossas antenas os ares do presente e do futuro. Agora, as formigas têm um papel fundamental neste processo. Não podemos permitir que nos tirem o que resta para mantermos a nossa qualidade de vida. Revolução não é esse baixo astral que está rolando por aí de ideias toscas que desconsideram a nossa inteligência. É preciso fazer a vida ficar boa aqui e agora. Não tem essa de promessa para o futuro que nunca acontece.

O formigueiro vaia em unísono. Uma formiga grita da plateia:

— É o trabalho que salva. Temos que pensar no futuro!

A rainha interrompe.

— A cigarra traz questões que vamos refletir num outro momento porque agora temos que focar na nossa estratégia de enfrentamento. Nós sabemos que temos ainda muitas fêmeas obreiras que perdem as asas, trabalham mais do que outras e cuidam de mim, isto é, do nosso futuro. Em troca, tenho orgulho de conseguir manter um formigueiro digno de se morar e isso está cada vez mais difícil no sistema que vivemos. Apesar de tudo que já passamos, nunca uma formiga neste formigueiro passou fome. Nunca tivemos uma larva

ou filhotes de formiga abandonados. E isso é sinal de um bom gerenciamento e de evolução. Muitas outras espécies não atingem esta meta básica e nós conseguimos!

Aplaudem. De repente espalha-se pela colônia uma voz se multiplicando passando de antena em antena.

— Tocaram fogo em tudo! Fogo! Fogo! Fogo!

A rainha interrompe o farfalhar da histeria geral.

— Calma, vamos manter a calma e nos organizar. Não podemos perder o controle.

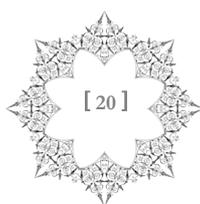
A cigarra não aguenta e dá mais um palpite.

— Empatia. É disso que eu estou falando. Se as cigarras fossem tão organizadas e poderosas como as formigas eu as convocaria, mas elas não são. Por que vocês não reúnem as formigas de todas as regiões para uma ação simultânea?

— Nossa comunicação não anda boa e cada formigueiro vive preocupado com sua própria sobrevivência, nós não nos comunicamos e isso ainda é radical no que tange ao nosso formigueiro. Somos estrangeiras e nos veem como invasoras.

— Mas hoje são tão poucos os que nasceram aqui e quando está ruim para todo mundo...

— Não me faça tentar explicar o inexplicável! Lamentavelmente tem sido assim. Temos que aplicar nossa estratégia própria. Vamos começar com a greve que vai acabar com o solo. Vamos atacar a comida destes animais primitivos. Não vamos deixar que exterminem nosso futuro. Atenção operários e soldados! Depois é saque geral. É vamos trazer para estocar. Vamos ver quem vai ficar vivo! Preparem-se para atacar!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo do tempo

Por Mirian Menezes de Oliveira

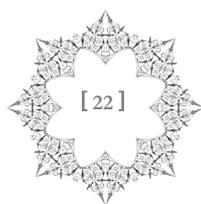
Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Perguntei ao beija-flor
em que horário ele viria,
pra posar junto da flor
em uma fotografia.

O pequeno multicolor
disse que não saberia:
— Deixe o dia se compor,
em luz e sabedoria!

O tempo não está nas horas...
O relógio é invenção...
Aproveite o aqui e agora!

Escute seu coração!
É nele que o tempo mora.
Cronometrar é ilusão!





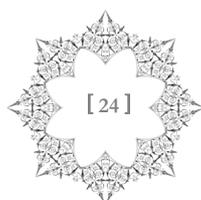
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Passarinhando

Por Paulo César Romeiro Silva

O autor é mineiro, geólogo (aposentado) e considera-se observador e protetor da natureza. Depois de velho resolveu publicar algumas de suas anotações, escritas ao longo de sua vida.

Se não sabes, Sabiá
Fiquei sabendo
Que de amor, o Beija-flor, está morrendo
Mas, se tu sabes, Sabiá
Então me diz:
Quem é o dono dos olhares da Perdiz?
Chora ... chora, Chorão!
Teu Choro sara
O mal-de-amor que tanto aflige Dona Arara!
Canta ... canta, Azulão!
 Teu canto cura
O alquebrado coração da Saracura
Bem te vi, Bem-te-vi
Afinal, quem não te viu
Arrastar asas pro malandro do Tiziu?
Pia ... pia, Jaó
 Teu pio triste que dá dó
Ainda inspira cantar alegre o Curió!
Quanto a "tu", mestre Urubu
Que nada canta
Inda me encanta o teu voar!
Me faz liberto e feliz
Me faz sorrir e sonhar!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Um Desejo Proibido

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com as revistas LiteraLivre e Obook. Escreveu: "Limbographia", "Tio Vampiro", "Caçada no Planeta Duplo", "Vozes e Ecos" etc. Participou de mais de trezentas antologias. Contato: rschima@bol.com.br

Era um pequeno roedor chamado Orbu e, ao anoitecer, emergiu da toca.

— Ahhhhh! — bocejou gostoso, sentado sobre as patas traseiras e esticando as dianteiras em direção ao céu. Sentiu o odor da relva que começava a umedecer sob a friagem. —

Ahhhhh!

Abriu os olhos.

O céu... Ah, o céu.

Ele era somente um garoto, um roedor que ainda não alcançara a sua adolescência. E, como tal, não sabia de muitas coisas na vida, mas de todas as grandes incertezas e as pequenas certezas de sua curta existência, uma permanecera inalterada em seu jovem espírito desde que se lembrava por gente, ou melhor, por roedor no calor de seu ninho: amava as estrelas.

Foi a primeira coisa que viu na vida ao emergir, finalmente, das profundezas da terra, como se fosse a metáfora de um segundo nascimento.

Sabia que elas estavam muito, mas muito distantes no céu, pois, escondido da mãe, já se aventurara a subir no alto de uma árvore e, mesmo assim, elas continuavam tão inalcançáveis como sempre estiveram.

Sorrateiro, foi até o alto de um montículo e lá encontrou seu avô, o velho Ohlem, um roedor que já testemunhara inúmeras manhãs, algumas boas, outras nem tanto.

— Oi, vô Ohlem!

— Ah, o pequeno Orbu. Boa noite, meu neto. Sente-se aqui ao lado de um velho.

Outras crianças prefeririam correr pela campina, aproveitar a noite estrelada e brincar de caçar pirilampos ou gafanhotos. Orbu não se incomodava. O avô cuidara dele um bom tempo, quando sua mãe adoecera. Encontrava na companhia do velho uma segurança e sabedoria que em parte alguma achara.

Acomodou-se ao lado do avô e, juntos, apreciaram aqueles momentos iniciais da noite.

O céu sem luar tornava-se mais e mais rico em estrelas.

A faixa da Via Láctea dividiu a abóbada.

— Vô, o que são as estrelas?

O velho Ohlem sorriu.

— São um mistério. Certa vez, o velho Tirugo falou de suas teorias.

— O jabuti?

— Sim, Tirugo, o Sábio. Ele já era idoso quando o meu tataravô nasceu. Tirugo sabe muito, porém, até para ele as estrelas constituem-se um enigma. "As estrelas são magia", disse-me ele. E eu repasso isso a você. Elas são algum tipo de mágica, algo que os espíritos da natureza criaram para iluminar a noite, alegrar nossos olhos e fazerem a gente sonhar... Como estamos fazendo agora: sonhando acordado.

Orbu ouviu tudo, olhos grandes e negros bem abertos, voltados para o céu.

— Parecem pirilampos, mas não caem — sussurrou. — É como se estivessem presas. Será que o céu é como o teto de uma toca, vô? Uma toca bem grande, bem lá no alto, onde elas ficam grudadas?

— É possível, pequeno Orbu.

— Mas se é como uma toca, deve ter uma parede e essa parede deve chegar até o chão. Então, em algum lugar, há uma parede do céu que a gente pode tocar!

O avô virou-se, admirando o raciocínio do neto.

— Você é muito perspicaz. Devia ser aluno do velho jabuti.

O pequeno roedor balançou a cabeça negativa e veementemente.

— Não, não, vô Ohlem. Eu tenho o senhor. O senhor me ensina tudo o que eu preciso saber.

— Eu sei somente o básico que qualquer roedor precisa saber para sobreviver aqui na mata.

— É o que me basta, vô Ohlem.

— Devo discordar.

O garoto ignorou o último comentário. Ainda de olhar fixo às estrelas, disse, procurando soar filosófico:

— Eu gostaria que uma delas caísse do céu para poder conhecê-la.

Ohlem teve um sobressalto.

— Não diga isso! — gritou.

O menino assustou-se.

— O que foi, vô?

— Não diga isso — repetiu o velho roedor. — Prometa para mim, Orbu, prometa que nunca mais dirá isso. Prometa!

Sem nada compreender e ainda ressabiado, o neto concordou.

— Eu prometo... Mas, por quê?

Tentou detectar alguma brincadeira do velho, porém, não. Ohlem ficara realmente amedrontado.

O que poderia apavorar o avô?

O que as estrelas tinham a ver com isso?

Ademais, era somente um desejo bobo seu, não era?

O avô Ohlem aguardou seu coração acalmar-se. Procurou recompor-se o melhor possível, afinal, o que o garoto poderia saber? Não tinha como. Ele próprio ouvira essa história de seu avô quando, naquele mesmo local, fizera indagação semelhante, menino ainda.

— Sabe, Orbu, eu também amava as estrelas, assim como você. Aliás, sua avó vive dizendo-me isso, o quanto você se parece comigo. Na verdade, ainda amo. Elas são lindas. Porém, elas lá e nós cá.

— Qual o motivo?

— Bem, certa vez havia um menino, assim como você. E, sem consultar ninguém, ele desejou o que você acabou de dizer... Não! Não repita isso. Foi muito, muito tempo atrás. Ele queria saber, queria entender, mas certas coisas estavam reservadas somente aos espíritos da natureza. Como castigo, o sonho dele foi realizado...

— "Castigo", vô Ohlem? Como pode ser castigo um sonho realizado?

O pequeno roedor não conseguiu disfarçar o ânimo em sua voz. Todavia, o ânimo se desfez pouco a pouco diante do semblante sombrio do velho.

O avô falou:

— Foi um castigo, Orbu. Tudo o que havia no mundo daquele garoto nunca mais foi como antes.

— O que aconteceu, vô Ohlem?

Nisso, apareceram outros garotos.

— Ei, Orbu, tia Ada irá ensinar como é que se caça minhocas. Vamos lá!

— Eu... — relutou.

O avô colocou sua pata nas costas do neto.

— Vá com eles. Você precisa aprender a caçar. Estou velho demais para sair correndo por aí. Vá. Depois eu conto o resto da história.

— Promete, vô Ohlem? — perguntou o menino, um tanto frustrado.

Seus amigos aguardavam, impacientes, focinhos inquietos.

— Prometo — disse o velho, por mais que detestasse prometer as coisas. — Prometo.

E ficou a observar o neto partir com as outras crianças noite adentro, enquanto pirilampos brincavam na noite como se as próprias estrelas tivessem descido do céu.

Esse pensamento fê-lo sentir calafrio.

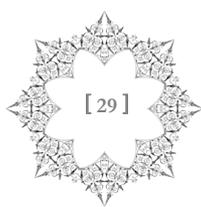
Então, um Ohlem muito cansado, lembrou a história passada por seu avô que, por sua vez, escutara de outro ancestral e assim sucessivamente numa infindável cadeia de tempo. Embora tivesse prometido, perguntou-se se deveria realmente contar a Orbu o que sabia, falar a ele sobre o outro menino de eras passadas, um pequeno dinossauro, cujo sonho de que uma estrela caísse fora realizado em uma quente noite de verão. E isso representara o fim de todo o mundo que ele e seus semelhantes conheceram.

— Devo destruir o sonho do pequeno Orbu, como o meu avô destruiu o meu? — perguntou-se.

Coçou os pelos rijos de suas costas, levantou-se e retornou para a própria toca a fim de procurar na companhia da esposa as palavras e pensamentos sábios que ora lhe faltavam.

NOTA DO AUTOR:

Conto publicado originalmente na antologia “Enigmas” (Projeto AutoEstima, 2021), organizada por Elenir Alves.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Michael

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Uma vez, entre as minhas visitas ocasionais ao abrigo da ANIMA (ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO DOS ANIMAIS DE MACAU), que naquela época já continha cerca de uma centena de cães abandonados, fui "convidada" (foi mais um pedido daqueles que não se pode recusar) a participar na caminhada dos cães. Quando o tempo o permitia, faziam um passeio, fora do abrigo, que incluía caminhar colina acima por uma escadaria cavada na rocha, meio íngreme, e retornar.

Juntavam-se alguns voluntários e escolhiam uns cães mais fáceis de serem controlados. Cada um dos voluntários ia com um cão na trela.

Colocaram na minha mão, a trela do Michael - um belo macho além de muito ágil, da raça Collie.

Eu nunca tinha passeado um cão que não fosse meu e os meus não eram cem por cento obedientes. E eu não tinha a mínima ideia de como o Michael reagiria ao meu comando e "vice-versa".

Mas, para não fazer "feio", participei.

Saímos da ANIMA, em fila Indiana: cada voluntário com o cão respectivo.

O caminho para cima foi muito tranquilo, sem acidentes. Os animais não causaram qualquer problema ou preocupações.

Andamos um pouco na parte de cima da colina, num caminho plano.

E paramos um pouquinho para um descanso coletivo.

Então, chegou o momento do retorno.

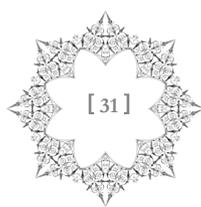
Quando tomei consciência da extensão e dificuldade do caminho, para descer, confesso que tremi um pouco, pois não tinha certeza se seria capaz de controlar o Michael.

Comecei a descer, lentamente, degrau por degrau, com a trela curta.

E para minha surpresa e grata satisfação, Michael sabia exatamente o que fazer. Além do que, ele olhava para mim a cada movimento e esperava que eu desse um passo para coordenar a descida comigo, completa e totalmente - eu descia um degrau e parava e ele fazia o mesmo, em unísono, continuando a olhar para mim.

Naquele momento dei-me conta de que nunca havia me sentido tão tranquila com um cão ao meu lado e, ao mesmo tempo, tão desiludida com os humanos capazes de abandonar animais tão maravilhosos e surpreendentes, como o Michael... e todos os outros.

Mas quanto ao Michael, tive a felicidade de saber da sua adoção posterior. Que tenha sido feliz!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Sofrimento dos inocentes (nem sempre têm espinhos)

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

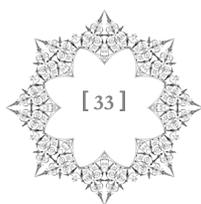
Era um dia brilhante! O sol imperioso num azul límpido, clamando o infinito. Os pássaros nas suas atividades usuais, chilreando — "barulho" para aqueles que da Natureza irremediavelmente se distanciaram. Os insetos começando o seu incansável labor em prol da sua comunidade, do todo ou do seu isolamento. E as flores em cores e fragrâncias, só atraíam. Rosas, palmas, margaridas e várias outras incluídas no belo rol... Era afinal Primavera!

E então saiu de uma casa ajardinada, uma vulgar (uma humana, conseqüentemente), a não combinar em nada, com a redondeza. Na sua mão direita portava uma tesoura de tamanho imponente — dessas que resultam numa única tentativa. A humana tinha desenhada na face, aquela determinação dos poderosos — de resoluta insensibilidade. Tudo bem! A propriedade era sua — usos e frutos, não é mesmo?

Com seis lances cortou seis rosas com cabo longo (Rosa Rosa, duas, Rosa Rubra, quatro) e fez o mesmo com três palmas (Palmas Brancas). Então, virou-se para as margaridas e tirou várias e mais algumas, das suas bases (Margaridas Brancas). Escolhera palmas e margaridas brancas para não ofuscarem as cores das rosas – favoritíssimas! – e para darem suporte e preencherem espaço no arranjo a ser feito. Ela entrou na casa e preparou as flores, tirando excessos de folhas e espinhos, antes de colocá-las numa jarra com água pela metade. A vistosa jarra foi para o centro da mesinha da sala de visitas. Para menos azar das flores, ela não recebia visitas com frequência. Então, as flores eram um pouco esquecidas na jarra e conseqüentemente, no jardim. Só chamavam a atenção após alguns dias quando aos poucos diziam adeus à vida e aos pares de infortúnio. Lamentoso adeus... No jardim ou na Natureza iriam certamente, viver uma vida mais completa longa e com sentido — apesar de curta em termos humanos e da sua dona.

Se não perturbadas, as flores doam néctar e pólen aos insetos e pássaros e em troca, são fertilizadas, produzem sementes e as plantas se propagam. As plantas não se importariam de servir de alimento — afinal o ciclo da vida neste mundo depende da troca de nutrientes entre todos. Mas, fenecer cedo para pura e simplesmente satisfazer a vaidade humana!?

Se há comunicação entre espécies vegetais — provável — e delas com os animais superiores, não sabemos — ainda. E nesse contínuo domesticar e controlar, as plantas vão se tornando estéreis, artificiais e, quase certo, deprimidas — o preço a pagar. Mas, quando mesmo retraídos, os espinhos permanecem... Deixe estar!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A danação disfarçada

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

"Solucionar os problemas que nos envolvem"...

"criando miraculosas substâncias"

"inventando perversos brinquedos"

"determinando" dos outros, o futuro.

Tornamo-nos míopes fanáticos.

Assumida e buscada distância do natural...

seus inimigos gratuitos, nos tornamos.

Já não sulcamos o solo para tirar o pão,

mas para o envenenar...

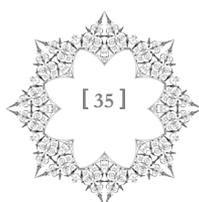
ou bordá-lo com minas de destruição.

Contra a mãe Natureza os nossos pecados,
muito além dos nossos filhos, vão reverberar.

E esta impagável dívida,

os filhos do futuro, herdarão... Sobrevivendo,

da escuridão, os herdeiros, serão!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Suprema mãe

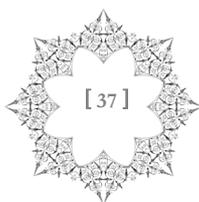
Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Neste Universo... essencial mãe...
nesta Terra, a manipular
o pó, a água, o ar...
a luz e o calor do sol,
das profundezas
no desenrolar das segredadas eras,
a laborar nos fez, a todos.

Em berços de química e física,
numa enormidade de experimentos
e desconhecidas fórmulas,
sem expectativas
sem sobrenaturais sopros,
elaborou diversidade
na sua criação.

Num mundo de acidentes
e continuidade... a mãe Natureza
enquanto dormimos a trabalhar...
a nos permitir.
Plantas, animais e demais seres...
existidos... existentes... a existirem...
pelo Cosmos... sabedores ou não,
ou inocentes, brincamos a navegar.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI